

O que derramastes no voo? a pesquisa do acontecimento para *artistar* na educação¹

What did you spill on the flight? event research for artists in education

¿Qué derramaste en el vuelo? investigación de acontecimientos para artistas en educación

Keyme Gomes Lourenço²

Marcos Allan da Silva Linhares³

Resumo: Neste trabalho realizamos escritas-linhas-de-fuga que nos ajudam a pensar capturas para as potências derramadas de uma pesquisa do Acontecimento para a Educação e o que ela pode. Propomos uma escrita poética, artística e sensível que dialoga com referencial teórico das filosofias da diferença de Gilles Deleuze, Félix Guattari, e as produções sobre Artistagem e Acontecimento na Educação de Sandra Corazza e colaboradores. Tecemos o texto com perguntas que surgem entre conceitos para irromper aquilo que pensamos em Educação, despertando interesse por criações-pesquisas que viajam com a fuga, valoriza os devires, o nomadismo, o virtual, a criação, que fareja o puro Acontecimento, isto é, as potencialidades, aquilo que pode se transformar em outro.

Palavras-chave: Acontecimento; artistagem; pesquisa em educação.

Abstract: In this work, we carry out writing-lines-of-escape that help us to think captures for the spilled powers of a research of the Event for Education and what it can. We propose a poetic, artistic and sensitive writing that dialogues with the theoretical framework of the philosophies of difference by Gilles Deleuze, Félix Guattari, and the productions on Artistry and Events in Education by Sandra Corazza and collaborators. We wove the text with questions that arise between concepts to break through what we think about Education, awakening interest in creations-research that travel with escape, value becomings, nomadism, the virtual, creation, which smells the pure Event, that is, the potentialities, that which can be transformed into another.

Keywords: Event; artistry; research in education.

Resumen: En este trabajo realizamos líneas-de-escritura-de-fuga que nos ayudan a pensar capturas para los poderes derramados de una investigación del Acontecimiento por la Educación y lo que puede. Proponemos una escritura poética, artística y sensible que dialoga con el marco teórico de las filosofías de la diferencia de Gilles Deleuze, Félix Guattari, y las producciones sobre Artistagem y Acontecimiento en la Educación de Sandra Corazza y colaboradores. Tejimos el texto con interrogantes que surgen entre conceptos para irrumpir en lo que pensamos sobre la Educación, despertando el interés por las creaciones-investigaciones que viajan con evasión, valoran los devenires, el nomadismo, lo virtual, la creación, que huele el puro Acontecimiento, es decir, el potencialidades, aquello que puede transformarse en otro.

Palabras clave: Acontecimiento; artistagem; investigación en educación.

¹ Os resultados compartilhados nesse manuscrito foram derivados da dissertação de Mestrado em Educação “Cinecartografando imagens aberrantes entre camadas, paisagens, educação e cinema” apresentada ao Programa de pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Outras partes do texto podem ser lidas no repositório de dissertações e teses da biblioteca UFU através do link: http://doi.org/10.14393/ufu.di.2022.7_

² Universidade Federal de Uberlândia

³ Universidade Federal de Uberlândia

A escrita que vai rizomando em pesquisa

Esta escrita foi elaborada em platôs. Parece que gostamos de pensar a educação assim. Os platôs ou seções são criados para serem independentes e juntos compõem um todo. Vivem mini-platôs entre as escritas dentro de outros platôs maiores, nas seções-platôs. Estas receberam variações de velocidade, de pensamento, adições e prolongamentos, intensidades e multiplicidades. A inspiração vem da escrita nômade proposta por Gilles Deleuze e Félix Guattari nos livros dos mil platôs.

A escrita em platô implica diretamente na própria forma como o texto vai sendo criado. Não há intenção de realizar-se uma sequência necessária entre os tópicos e títulos escritos, como também não há uma ideia central percorrida ao longo dessas partes. Um platô está no meio, nem início, nem fim. A escrita é fugitiva e cada segmento escapa nas outras partes criando multiplicidades entre elas, buscamos por um movimento de pensar a partir de sentidos diferentes. As multiplicidades não supõem nenhuma unidade, não entram em nenhuma totalidade e nem remetem a um sujeito, elas são a própria realidade. Assim, os platôs funcionam como rizoma e um rizoma é feito de platôs.

Nos lançamos para a escrita enquanto a escrita se lança para nós. Escrita é fundamentalmente cartográfica, o caminho do lápis, do teclado, da mão, da caneta, do dedo, da tela, faz linhas. E o que dessas linhas devoramos, regurgitamos em palavras, esquentadas pelo calor dos nossos corpos. Vários caminhos já se enunciaram enquanto escrevemos estas linhas, confortáveis se tornam marcas, elas quase que pediram para serem escritas. Em uma escrita tecida em platôs, os assuntos e escritas e imagens e pensamentos se comunicam uns com os outros através de frestas e microfendas. Deleuze e Guattari (2011), chamam de platô toda multiplicidade conectável com outras multiplicidades que se esparrama de maneira a formar e estender um rizoma. Não me apego se caso pela escrita alguns sentidos sobrevoarem, uns há de ter mais força de potência e se atualizarão, outros, no entanto, são mantidos como um tímido uivo, que precisa de atenção para ser ouvido, e quando se ouve, percebe que os lobos estiveram todo tempo a uivar.

Esta escrita há também nas escritas outras em seu silêncio, em interstícios e intervalos, nas frestas que deixamos e fazemos entre as palavras, os parágrafos e páginas. A escrita é uma arte que pelo movimento de escrever se faz rizomática. E ao nos acostarmos com esse exercício, podíamos ouvir o clamor das palavras que querem se perder nesse rizoma, a fim de

se tornarem ele/parte dele e assim, provocar e criar mais conexões, unir a elas pensamentos nômades, picá-los em terra vermelha e ver germinar mais rizomas.

Há todo um experimento, um esforço, uma violência contida nos pensamentos que se forçam a serem pensados no ato de escrever. Permeando como chuva em solo seco, um tom mais poético se fará presente durante esta escrita e leitura, e sem avisos ou gentilezas criará narrativas com vozes filosóficas, escritas acadêmicas, devires artísticos, mas mesmo assim será possível vê-las todas juntas. Distintas, porém indiscerníveis. Partes do mesmo coral que canta uma música, o uno com vibração do múltiplo, reverberando.

Grafismos podem substituir as letras, as bifurcações de pensamento e ideias, que aqui não estão fadadas a criar dicotomias ou binarismo, mas que estão livres para bifurcar, no sentido de ramificar, de criar axilas, linhas de um rizoma, elas poderão dar visibilidade aos conceitos, às imagens, a um movimento novo. As ideias e os fragmentos serão dispostos entre as páginas, entre os pensamentos e entre a pesquisa, para que a leitura linear não ganhe predomínio.

A escrita como cartografia está aberta e cheia de entradas e, através das notas, dos fragmentos, das imagens, dos links e dos cliques, inaugura-se para a escrita uma outra possibilidade, a de inventar formas pelas quais tais entradas possam ganhar velocidade e assim, com potência, se integrar ao mapa vigente, sem formato, caótico, heterogêneo e rizomático.

A partir dos estudos e leituras das construções conceituais de Deleuze e Guattari (2011; 1992), pensamos a criação como fruto de encontros. Para os autores os encontros não se dão apenas com pessoas ou objetos, mas também com ideias, com movimentos, acontecimentos, com forças e devires. Um encontro quando potente, promove desterritorializações e reterritorializações, de uma escrita-encontro jorram pensamentos capazes de exprimir em palavras e sentidos, devires e experimentações.

A escrita nômade como a escrita da pesquisa não visa propor um método lógico, verdadeiro, totalizante e generalista. O que ela provoca é investigar os processos em que as produções de mundos se dão. Interessantes são as realidades prontas para se tornarem outras, que é fruto de processos, tem força fundadoras, está em devir, por ora provisória e sempre-vivas.

Esta pesquisa investiga as desterritorializações que surgiram pela cartografia e escapa de formas pré-estabelecidas pelos territórios institucionais, e nem por isso é menos educacional, investigativa e artística. Ela é produtora de novos sentidos para a pesquisa em Educação e propõe outros possíveis de vida na Academia. Pesquisa que inventamos, que nos inventa, que venta povos inventados pela arte que venta. Essas forças necessitam, um corpo é desejan-
te,

pesquisar é coexistir. Pesquisa e pesquisadores que se inventam em pesquisa, ao mesmo tempo, todos juntos, inventando tempos outros.

A energia que é produzida e ao mesmo tempo encontrada

*E o que me resta é só o gemido.
[...] Romper tratados, trair os ritos.
Medo não me alcança, no deserto me acho
Em versos, versos, versos...
Que brotam do poeta, da pesquisa, dos caminhos,
Quando crio,
De felicidade eu choro e minhas lágrimas caem
É pra regar...
Chorando, criando, eu refaço as nascentes que a norma
secou
Não quero encontrar cura pro meu vício
De insistir na saudade que eu sinto das coisas que eu
ainda não vi,
Das cartografias que ainda não vivi, dos mapas que não
percorri
Um pesquisar que se faz no “[...] único devir que
conjura o intolerável e nos faz voltar a acreditar no
mundo”.
O “devir-revolucionário”
Sandra Mara Corazza, 2012, p. 18.*

Pesquisar com atenção e não nos deixar apenas passar ao longo do acontecimento, ou esperar da pesquisa por produtos aplicáveis na atualidade, mas sim se instalar no acontecimento “[...] como num devir, para fazerem rejuvenescer e envelhecer, simultaneamente, todos os componentes e singularidades que na Educação circulam” (CORAZZA, 2012, p. 18). E a partir daí, professores-pesquisadores podem inaugurar algo novo e ousar em impulsos inovadores, pelo puro devir do acontecimento, a chance de *artistar* na Educação (CORAZZA, 2012).

Quem nos ajuda a pensar em uma Pesquisa do Acontecimento é a pesquisadora Sandra Mara Corazza, com seus trabalhos, “Contribuições de Deleuze e Guattari para as pesquisas em educação” (2012), e também, “Para pensar, pesquisar e *artistar* a educação: sem ensaio não há inspiração” (2007)⁴. Nestas obras, a autora pioneira na divulgação das potencialidades do pensamento da diferença para o campo dos estudos educacionais, tece escritas sobre o que pode uma pesquisa do Acontecimento na Educação, e nos apresenta uma pesquisa que “[...] não se

⁴ CORAZZA, Sandra Mara. Para *artistar* a educação: sem ensaio não há inspiração. **Revista Educação** - USP, v. 6, p. 1-16, 2007. Há uma versão deste texto (2007) com o título: *Para *artistar* a educação: Sem ensaio não há inspiração disponível* no site do Academia.edu. Outra versão do ano de 2008, com o mesmo texto, porém com outro título; *Para *artistar* a filosofia-educação: – Sem ensaio não há inspiração* (2008), está disponível no acervo de produção de pesquisadores da UFURGS, no link: <https://drive.google.com/file/d/1TB3OLHL3AcMOr0seM6mDOUrrxloH8J7G/view>.

realiza sobre paradigmas arborizados do cérebro” (CORAZZA, 2012, p. 15), mas sim, sobre as linhas, atravessamentos, nós e tensões de um mapa, uma pesquisa que “[...] é feita com figuras rizomáticas” (CORAZZA, 2012, p. 15).

Entendemos essa pesquisa-escrita como encontros e enquanto percorremos seus territórios, estabelecemos diferentes relações entre os elementos, compondo assim trajetórias cartografias inéditas, que irrompem, guardam, tecem e destecem os acontecimentos, já que para essa pesquisa não há primeiros princípios, regras normativas, representações eternas e orientações naturais (CORAZZA, 2012), o que guia, quem cria é o acontecimento.

a.con.te.ci.men.to. Gilles Deleuze formula esse conceito ao longo de toda sua produção acadêmica, dentre textos, livros e pesquisas. No último livro escrito com Félix Guattari, “O que é a filosofia?” (1992), a filosofia deleuzoguattariana já está num estágio mais avançado, como comenta Edson Peixoto Andrade (2018) em seu artigo “A filosofia do acontecimento em Deleuze”. Na obra “O que é a filosofia?” (1992), o acontecimento, toma para si outros sentidos e direciona-se a ser pensado e se faz ser conhecido como conceito. Para Deleuze e Guattari (1992), os conceitos são acontecimentos. São forças incorporais, no entanto, se encarnam, se efetua nos corpos (ANDRADE, 2018) e jamais se confundem “[...] com o estado de coisas no qual se efetua, [...] o conceito diz o acontecimento, não a essência ou a coisa” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 33).

Em seu texto “A imanência: uma vida...” (2002), o último escrito por Deleuze, o autor comenta que a vida é feita de virtualidades, acontecimento e singularidades. E complementa afirmando que os acontecimentos e/ou singularidades dão ao plano de imanência toda sua virtualidade, ao mesmo tempo que “[...] o plano de imanência dá aos acontecimentos virtuais uma realidade plena” (DELEUZE, 2002, p.16). E nessa dupla captura e dupla invasão, o virtual por meio do acontecimento ganha potência, força, habita o plano de imanência, o mapa, a pesquisa, a cartografia.

O acontecimento como possível para pesquisa em educação

Com a Pesquisa do Acontecimento, que ganha foco nos capítulos do livro “Linhas de Escrita”, organizado por Tomaz Tadeu, Sandra Corazza e Paola Zordan (2004), nos lançamos às novas maneiras de pensar e de realizar uma escrita e leitura crítica, que crie histórias com as singularidades de cada experimentação, de cada tentativa de artistagem-inventiva da Educação.

No terceiro capítulo da obra, intitulado “Pesquisas do Acontecimento: estudos em XII exemplos” (2004), os autores se permitem criar, inventar, sonhar e delirar vários nomes para as Pesquisas em Educação que são inspiradas no pensamento da diferença de Deleuze e Guattari. Todos estes nomes da ‘pesquisa do acontecimento’ dizem respeito a uma Pesquisa em Educação despojada de significações, que se faz num constante processo de fagia, em que se tem fome do novo, nunca mimética, ou cópia, mas sim expressiva. Nem trata de ultrapassar obstáculos ou até mesmo investigar algum desconhecimento acerca da Educação. A energia da pesquisa do acontecimento, surge com e a partir dos movimentos, do percorrer, do experimento, do ensaio. Pesquisar o acontecimento requer operações que se movimentam e não se reservam mais à representação e sim aos acontecimentos, ao mapa.

Essas investigações não pesquisam os estados de coisas, proposições, objetos, sujeitos, materiais e suas representações. Tadeu, Corazza e Zordan (2004, p. 139) nos movimentam pensamentos, quando comentam que:

Para esta filosofia, pensar, assim como ‘pesquisar’, é um acontecimento fazendo-se, em choque com o já feito, uma experimentação dos conceitos e das imagens do pensamento que animam uma Pesquisa do Acontecimento, cuja principal pergunta é: mais do que historicizar, como acontecimentalizar a pesquisa da educação? (TADEU; CORRAZA; ZORDAN, 2004, p. 139).

Por isso, no criar da escrita buscamos novas formas de expressão, que são fertilizadas pelos percursos e trajetos realizados, à espreita de novas maneiras de sentir a pesquisa, novas possibilidades de pensar. Aqui, escrever não é impor uma forma de expressão única para experiências vividas, mas sim um processo inacabado “[...] de uma passagem de vida que atravessa o vivível e o vivido” (CORAZZA, 2012, p. 15).

Assim saímos em busca dos excessos, das sobras dos movimentos expressivos, que se agregam em processos criadores de pensamento. Por isso a utilização de múltiplas linguagens para a pesquisa, como defende Corazza (2012, p. 16): “[...] ciência, pintura, música, literatura, cinema, poesia”. Esta coexistência de disciplinas, de entradas, de arranjos, transforma os elementos pesquisados “numa unidade virtual” (CORAZZA, 2012, p. 16).

A pesquisa deixa assim de pensar em unidades, divisões hierárquicas e identidades, e passa a viajar com a fuga, valoriza os devires, o nomadismo, o virtual, a criação. Em uma pesquisa da diferença tudo é considerado puro Acontecimento, isto é, potencialidade. A pesquisa investe em todas as linhas que formam a cartografia, e como bem pontua Corazza (2012, p. 17):

Se dirige a besteira, o erro, a superstição, a ideologia, a estupidez, o senso comum, o bom senso, a opinião, a comunicação. Para escapar da ‘Imagem Dogmática do Pensamento’, ela posiciona-se a favor de que pesquisar é criar e criar é problematizar; só que problematizar é determinar dados e incógnitas dos problemas, que vão sendo formulados à medida que a pesquisa se realiza e que persistem nas soluções que lhe são atribuídas, como num jogo afirmativo de novidades, por meio da Vontade de Pesquisar.

Uma escrita se dedica a ensaiar experiências transcendentais. Estamos a todo momento, abertos à captura e fuga das multiplicidades, atentos a seus movimentos de desterritorialização, reterritorialização e territorialização. Traçando mapas com linhas de intensidades, criando rizomas, desenhando linhas que se estendem em outros meios, se fundem em nós e com o passar do tempo não conseguimos mais diferenciar onde terminam nossos corpos e onde começam as múltiplas linhas.

Em ventos: o evento como parte do acontecimento na filosofia da diferença

É na obra “Diálogos” de Deleuze e Parnet (1998), onde são desenvolvidos desdobramentos dos grandes conceitos criados por Deleuze e Guattari, que os autores nos provocam a pensar a pesquisa e o pesquisar quando apontam que as ciências têm tido um novo ganho de delírio e tornado-se cada vez mais a ciência dos acontecimentos, que “[...] traça linhas e percursos, salta” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 55) e um sinal disso é o desaparecimento dos esquemas de arborescência em prol de movimentos rizomáticos. As pesquisas trabalham cada vez mais sobre “estados de corpos”, sobre “agenciamentos heterogêneos” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 55), o percurso é um acontecimento que atravessa experiências irreduzíveis.

Um movimento que nos reverbera é fazer pesquisa como vespas que se lançam no vergel cheio de flores em busca de suas orquídeas. Em uma pesquisa do acontecimento o modelo de cientificidade não é mais a axiomática formada por um conjunto organizado de noções ou termos logicamente dedutíveis, mas sim o acontecimento ou evento que é singular e incorpóreo e se efetua em corpos, ou estados de corpos. A pesquisa do acontecimento é rizomática e nunca arbórea, ela é afetiva, atravessa, faz marcas, fareja devires e junta forças de potências que resgatam os acontecimentos “[...] que cortam diferentes corpos e se efetua em diversas estruturas” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 55). Para Deleuze e Parnet (1998, p. 55) “[...] há, nesse caso, como que verbos no infinitivo, linhas de devir, linhas que correm entre domínios, e

saltam de um domínio a outro, inter-reinos. A ciência será cada vez mais como a grama, no meio, entre as coisas e entre as outras coisas, acompanhando a fuga delas”.

O conceito filosófico criado por Deleuze e Guattari em francês *évènement*, na língua portuguesa tem duas palavras correspondentes na tradução, ‘evento’ e ‘acontecimento’. Acontecimento é o gerúndio de ‘acontecer’, é aquilo que está tecido junto. Evento vem do que ‘veio’, do que está indo, do que está surgindo, como o vento, eventualidades, imprevistos, ocorrências.

O acontecimento sugere um paradoxo, pois é algo que precisamos experimentar na vida para não nos esgotarmos em experiências únicas e ao mesmo tempo, o acontecimento é singular, cada acontecimento é diferente de um acontecimento outro. Ler um livro não é comer moqueca, nem nadar num lago. Acontecimentos são complexos, pois ler um livro agora não é o mesmo que ler o livro amanhã, ontem, num outro lugar, a experiência é sempre diferente, o gosto, as texturas, a luz, o barulho, o calor. O acontecimento está relacionado com o atual, com o fazer atual – estou lendo um livro em casa, estou lendo um livro na sacada, estou lendo um livro na sala, estou escrevendo um livro.

Enquanto o evento está relacionado com o incorporal, que intensifica e completa o acontecimento. O evento é o verbo em infinitivo. O evento coexiste, aqui e agora. É no evento que vem, é no evento que há o ‘vir’. Nunca o ser=eu, nem objetos, nem sujeitos, mas sim o vir, o comer, o devorar, o cair, o caminhar, o espreitar, o devir. O evento faz conexões que nos abre para uma multiplicidade de devires outros. O desejo ziguezagueia entre o evento e o acontecimento. Essas duas definições nos ajudam a pensar o acontecimento como conceito de Deleuze e Guattari para a pesquisa carregada de afetos.

Considerações finais

Pesquisar é criar! Criar devires, se permitir ir ao encontro deles. O convite da pesquisa que pensa o acontecimento é exprimir o virtual incluído em cada situação e regar suas multiplicidades, que não podem ser podadas pelas grandes máquinas estatais, pela norma, pelo binarismo, pelo dualismo, pelo ‘não’. A pesquisa do acontecimento é uma criação singular, artística, afetuosa, experimental, inventiva, sensível, provisória e criadora.

Criar um devir na escrita acadêmica, é criar um estilo singular, falar a sua própria língua, mas como um estrangeiro. Afetar e ser afetado na pesquisa implica na criação de novas

intensidades, que geram novos conceitos, novas ideias, novos conhecimentos, novos modos de existir como pesquisador. Isto é desterritorialização.

Então o que derramamos ao longo do voo da pesquisa? Que voos temos trilhado em nossos trajetos de formação profissional-pessoal-experimental de vida? Aqui fica a alternativa de pensar a pesquisa pelo acontecimento, pela arte, pela vida que circula em nossos espaços mais intrínsecos e que tornam nossa existência uma experiência. O voo nos possibilita múltiplas decolagens, variadas manobras, atalhos, desvios, alturas e desníveis. Que o voo seja o nosso acontecimento e que nos carregue para maravilhosas artistagens em vidas, pesquisas e educações.

Referências

- ANDRADE, Edson Peixoto. A filosofia do acontecimento em Deleuze. **O Manguenzal**, v. 1, n. 2, 2018. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/omanguenzal/article/view/9403>. Acesso em: 16 mar. 2023.
- CORAZZA, Sandra Mara. Contribuições de Deleuze e Guattari para as pesquisas em educação. **Revista Digital do LAV**, [S. l.], n. 8, p. 125–144, 2012. DOI: 10.5902/198373485298. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/5298>. Acesso em: 16 mar. 2023.
- DELEUZE, Gilles. A imanência: uma vida... **Educação & Realidade**, [S. l.], v. 27, n. 2, p. 10-18, 2002. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/31079>. Acesso em: 16 mar. 2023.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **O que é a filosofia**. Rio de Janeiro: Editora, v. 34, 1992.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**, vol. 1. Trad. A. L. Oliveira, A. Guerra Neto e C. P. Costa. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2011.
- DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. Trad. E. A. Ribeiro. São Paulo. Editora Escuta, 1998.
- LOURENÇO, Keyme Gomes. Cinecartografando imagens aberrantes entre camadas, paisagens, educação e cinema. 2022. 69 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2022. DOI <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2022.7>
- TADEU, Tomaz; CORAZZA, Sandra; ZORDAN, Paola. Pesquisas do acontecimento: estudos em XII exemplos. In: TADEU, T.; CORAZZA, S.; ZORDAN, P. (org.). **Linhas de escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004, p. 134-204.

Sobre a autora e o autor

Keyme Gomes Lourenço: Mestre e Doutorando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED/UFU). Bolsista CAPES.
E-mail: keymelourenco@gmail.com

Marcos Allan da Silva Linhares: Mestre em Educação em Ciências e Matemáticas (PPGECM/UFPA). Doutorando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED/UFU). Bolsista CAPES.

E-mail: marcosallan.18@gmail.com